



UNISUL

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

FRANCIÉLI ZIMMER

**OS EFEITOS DE SENTIDO DAS METÁFORAS DE LULA POR ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO**

Tubarão

2012

FRANCIÉLI ZIMMER

**OS EFEITOS DE SENTIDO DAS METÁFORAS DE LULA POR ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*, Especialização em Gramática de Texto: Leitura, Análise e Produção, da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul, como requisito à obtenção do título de Especialista em Gramática de Texto.

Orientadora: Prof^ª. Andréia da Silva Daltoé, Dra.

Tubarão

2012

Para o meu amor, Sandro.

AGRADECIMENTOS

À professora e Orientadora Dra. Andréia da Silva Daltoé, que me aceitou como sua orientanda e que me guiou por um novo caminho pelos sentidos das metáforas.

As minhas amigas, Cleide, Vanessa e Gislaine, que me acompanharam nessa nova etapa da minha vida acadêmica.

A Daniela, querida, que aplicou o questionário.

A profa. Dra. Júcélia Jeremias Fortunato e, a Silvane que foram importantes ouvintes e grandes motivadoras no decorrer desta monografia.

Ao Sr. Danilo Prudêncio, por ter consentido a aplicação do questionário.

Aos alunos que contribuíram para a realização desta pesquisa.

Agradeço ao Sandro, meu marido, pelo incentivo, perseverança e paciência.

Agradeço a outros amores da minha vida - Leinha, minha irmã. Helena e Douglas, meus *dindos* e grandes amigos. Nicole, minha prima. Vocês foram força e inspiração. Amo vocês!

[...]
Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?
[...]
(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo analisar a leitura das metáforas do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, por alunos do terceiro ano da Escola de Ensino Médio Almirante Lamago, para verificar se os efeitos de sentido que essas metáforas provocam na fala do aluno são de aprovação ou de negação deste modo de dizer. A apresentação deste trabalho divide-se em cinco capítulos, considerando-se a Introdução o primeiro, no qual apresentamos o delineamento da pesquisa, e as considerações finais o quinto. No capítulo dois, discorreu-se sobre as concepções da metáfora no período aristotélico, bem como a metáfora dentro das gramáticas normativas. No capítulo três, foi abordada a noção de metáfora no âmbito cognitivo, conforme a Teoria da Metáfora Conceptual. No capítulo quatro, discorreu-se sobre o entendimento do discurso político e na sequência o discurso do ex-presidente Lula, mobilizado por estudiosos da língua, jornalistas e pela mídia. Entretanto, para atender aos propósitos desta pesquisa foi necessário trazer conceitos da Análise do Discurso de linha francesa como: noção de sujeito, formação discursiva, formação ideológica, interpretação, sentido, língua, discurso e a metáfora. A análise da pesquisa partiu do interesse de verificar o que os alunos pensavam a respeito da maneira de falar do ex-presidente em termos de metáforas, o que foi bastante criticado pela mídia em geral. Pensando nisso, foram selecionadas cinco metáforas de Lula e elaborado um questionário para investigar os efeitos de sentidos identificados nas falas dos alunos a partir delas.

Palavras-chave: Metáfora. Análise do Discurso. Lula.

ABSTRACT

The present study aimed to analyze the reading of the metaphors of former President Luiz Inacio Lula da Silva, for third-year students of the High School Almirante Lamago, to verify the effects of sense that these metaphors provoke student's speech are approval or denial of this manner of speaking. The presentation of this paper is divided into five chapters, considering the Introduction the first, in which we present the research design, and the final considerations fifth. In chapter two, spoke up on the concepts of metaphor in Aristotelian period, as well as the metaphor within the normative grammars. In chapter three, addressed the notion of metaphor in cognitive as the Theory of Conceptual Metaphor. In chapter four, spoke up about the understanding of political discourse and the discourse in the wake of former President Lula, mobilized by language scholars, journalists and the media. However, to fulfill the purposes of this research it was necessary to bring concepts of Discourse Analysis of French as the notion of subject, discursive formation, ideological formation, interpretation, meaning, language, speech and metaphor. The study started from the analysis of interest to check what the students thought about the way to speak of the former president in terms of metaphors, which was heavily criticized by the media in general. Thinking about this, we selected five metaphors of Lula and developed a questionnaire to investigate the effects of directions identified in the statements of students from them.

Keywords: Metaphor. Discourse Analysis. Lula.

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 - Classificação de resposta dos alunos entrevistados.	42
--	----

LISTA DE SIGLAS

AD – Análise do discurso

DL – Discurso de Lula

ML – Metáfora de Lula

SDr – Sequência discursiva de referência

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ABORDAGENS SOBRE A NOÇÃO DE METÁFORA	12
2.1 A METÁFORA EM ARISTÓTELES	12
2.2 A METÁFORA: UMA ABORDAGEM LITERÁRIA	14
2.3 METÁFORA NO CAMPO DA GRAMÁTICA NORMATIVA.....	15
3 A METÁFORA COMO UMA INTERVENÇÃO COGNITIVA: LAKOFF E JOHNSON	17
3.1 METÁFORA CONCEPTUAL.....	17
3.2 A METÁFORA PARA SARDINHA	22
4 DISCURSO POLÍTICO	26
4.1 DISCURSO DE LULA	27
4.2 NOÇÕES TEÓRICAS DA ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ABORDAGEM INTRODUTÓRIA	31
4.3 A INTERPRETAÇÃO DOS ENUNCIADOS METÁFORICOS USANDO RECURSO DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE	49
APÊNDICE A – Questionário aplicado aos alunos	50

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade verificar como alunos do terceiro ano do Ensino médio avaliam o uso do discurso metafórico nos discursos do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Para tanto foi necessário trazer teorias acerca da metáfora desde o período aristotélico aos dias de hoje, bem como conceitos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, tais abordagens partiram de obras de autores como Michel Pêcheux (2002), Eni Orlandi (2001), Maria Cristina Leandro Ferreira e Freda Indursky (1999), Roman Jakobson (1973), Lakoff, e Johnson (2002), Tony Beber Sardinha (2007), entre outros, que contribuíram para a realização desta pesquisa.

Para a composição do *corpus* foi realizada uma pesquisa, com alunos do terceiro ano do ensino médio, para verificar como esses alunos opinavam em relação ao uso de metáforas no processo discursivo do ex-presidente. Tal estudo foi realizado primeiramente através de pesquisas bibliográficas, e depois com a aplicação da teoria estudada à luz da AD de linha francesa através de atos da linguagem que permeiam o cotidiano das expressões linguísticas.

Este trabalho traz no primeiro capítulo um levantamento bibliográfico sobre teorias da metáfora que, desde a antiguidade clássica, constituem o pensamento ocidental sobre o assunto, e que também permeia os conceitos no que concerne à gramática. A partir de então se justifica o problema gerador desta pesquisa, ou seja, a compreensão da metáfora à luz da teoria da Análise do Discurso de linha francesa, verificando os efeitos de sentidos causados nos alunos pelo uso das metáforas do ex-presidente.

Por fim, chegamos às considerações finais, apresentando um breve comentário de toda pesquisa realizada sobre a metáfora e a sua relação com a AD, que tem por objetivo, mostrar que todo ato de linguagem parte de um sujeito com formação-discursiva-ideológica e compreendermos que a linguagem não é transparente.

Os objetivos que motivaram a realização deste trabalho foram:

- Verificar o que os alunos pensam a respeito da maneira de falar do ex-presidente;
- Abordar os conceitos sobre a metáfora;
- Verificar como os alunos do terceiro ano classificam/consideram o discurso metafórico utilizados no discurso/fala do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva;
- Analisar o uso da metáfora nos processos discursivos do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (Lula);

- Verificar os efeitos de sentidos causados nos alunos pelo uso das metáforas de Lula (ML).

A pesquisa que segue foi aplicada com alunos do terceiro ano da escola de Ensino Médio Almirante Lamego, situada no município de Laguna na região sul do estado de Santa Catarina. O questionário foi aplicado pela professora da turma. Foi solicitado aos alunos que assinassem uma declaração autorizando a aplicação do questionário.

A pesquisa tem o interesse de verificar os efeitos de sentidos das ML produzidos pelos alunos, com o objetivo de investigar se estes apontam para aprovação ou negação deste modo de dizer do discurso de Lula. Com esse intuito foram selecionadas cinco frases que chamavam a atenção e elaborado um questionário com a seguinte pergunta: Qual a sua opinião sobre este modo de falar sobre política? Os alunos podiam opinar selecionando um dos itens elencados como: adequado; não adequado e em parte e em seguida responder o porquê?

Para iniciarmos o embasamento teórico de nosso estudo começaremos pelo filósofo Aristóteles, que contribuiu de forma significativa para o conceito de metáfora como veremos no capítulo a seguir.

2 ABORDAGENS SOBRE A NOÇÃO DE METÁFORA

Ao longo dos muitos séculos, a metáfora foi sendo estudada com diferentes olhares e interesses. Consequentemente, as teorias que a analisam situam-se em âmbitos distintos. Entre elas encontram-se as teorias feitas com propósitos linguísticos e estéticos, e as teorias feitas com propósitos de desconstrução. Nos três capítulos a seguir far-se-á um reconhecimento dos conceitos mais abordados sobre a metáfora.

2.1 A METÁFORA EM ARISTÓTELES

O termo metáfora remonta ao período aristotélico (384-322 a.c.). Aristóteles foi o primeiro a abordar o tema da metáfora, descrevendo-a na arte da poesia como um meio pelo qual o poeta produz conhecimento através da imitação artística (*mimesis*) e, na arte da retórica, como forma de se obter sentido na produção de argumentos persuasivos (CAVALCANTE, 2002, p. 16).

Em seu clássico *Arte Retórica e Arte Poética* (1999), o filósofo apresenta a metáfora como um estilo útil ao discurso retórico, “[...] os termos próprios, os vocábulos usuais e a metáfora são as únicas expressões úteis para o estilo do discurso puro e simples. O que confirma é que elas são as únicas a serem utilizadas por toda a gente, não há ninguém que na conversação corrida corrente não se sirva de metáforas, dos termos próprios e dos vocábulos usuais” (1999, p. 176). (grifo nosso)

Aristóteles atribuía grande valor à metáfora. A função desta era a de embelezamento da linguagem, de clareza e agrado, para tanto, o uso da metáfora estava relacionado à linguagem dos poetas em seus contos heróicos e versos jâmbicos¹. A metáfora possibilitava, também, manifestar sentimentos, emoções e expor novas ideias de modo imaginativo, inovador por meio de associação de semelhança entre dois termos. Conforme o autor as metáforas são enigmas velados “[...] a essência do enigma consiste em falar de coisas reais associando termos inconciliáveis, isso não é possível com a combinação de palavras próprias, mas admissível com metáfora” (ARISTÓTELES, 1996, p. 52). Considerando as palavras do filósofo entende-se que a linguagem da metáfora resulta de uma transposição bem sucedida.

¹ Os poemas jâmbicos: de versos jâmbicos, ou unidades métricas de quatro sílabas longas e breves alternadas. Fonte: <<http://www.brasilecola.com/imprimir/3306/>>. Acesso em: 04 maio. 2011.

Pelo olhar poético pode-se dizer que a metáfora produzia efeitos relacionados à sensibilidade, por este motivo tinha uma força evocativa e emotiva. É pertinente, portanto analisar conceitos sobre metáfora de diferentes vertentes para, então, conseguir perceber a atuação desta mediante a linguagem, pois, sua influência está intimamente ligada ao sistema comunicativo.

Para Jailson (2012) o uso da metáfora, numa sequência coerente de ideias e vocábulos, proporciona aos sujeitos uma elegância e uma proficiência por parte de quem comunica e já representava, no período aristotélico, um importante recurso linguístico, sendo ainda “considerada um dos elementos primordiais na construção da linguagem” (JAILSON, 2012²).

Segundo Johnson (1981, p. 3), a concepção aristotélica apresenta três importantes aspectos a serem considerados. O primeiro encontra-se no fato de localizar a “transferência” no nível das palavras e não no nível das sentenças. O segundo, no fato de a metáfora ser entendida como um desvio do uso literal da língua, já que envolve transferência de um nome para algum objeto, que até então não o tinha. O terceiro problema, diz respeito à noção de “similaridade” ou de “semelhança” entre coisas distintas.

Conforme Aristóteles (1996, p. 51), a metáfora “é a transferência de um nome alheio do gênero para a espécie, da espécie para o gênero, de uma espécie para a outra, ou por via de analogia”. Aristóteles (1996) traz os seguintes exemplos para ilustrar tal explicação:

Do gênero para espécie significa, por exemplo, “meu barco está parado ali!, porque *fundear* é uma espécie de *parar*; da espécie para o gênero: “Palavra! Odisseu praticou milhares de belas ações!”, porque *milhares* equivale a *muitas* e aqui foi empregado em lugar de *muitas*; de uma espécie para outra, por exemplo: “Extraíu a vida com o bronze” e “talhou com o incansável bronze”; nesses exemplos *extrair* está por *talhar* e *talhar* por *extrair*, pois ambos querem dizer *tirar*. [...] há metáfora por analogia quando o segundo termo está para o primeiro como o quarto para o terceiro; o poeta empregará o quarto em lugar dos segundo, ou o segundo em lugar do quarto; às vezes se acrescenta ao termo substituto aquele com que se relaciona o substituído. (ARISTÓTELES, 1996, p. 51).

Outro aspecto importante observado por Aristóteles é o cuidado que se deve ter ao utilizar as metáforas. Segundo ele “as metáforas não devem ser tomadas de longe, mas de objetos que pertençam a um gênero próximo ou a uma espécie semelhante, de maneira que se dê um nome àquilo que até aí não o tinha e veja-se claramente que o objeto designado pertence ao mesmo gênero”. (ARISTÓTELES, 1999, p. 177).

² Por não ter sido encontrado o ano correto da publicação, foi inserido o ano de leitura do estudo.

Dessa forma, pode-se concluir, em acordo com Johnson (1981, p. 6), que os estudos sobre a metáfora, posteriores a Aristóteles, são prefigurados em termos de três componentes básicos:

- (a) o foco está em palavras singulares;
- (b) os desvios da língua produzem mudança de sentido;
- (c) a semelhança existente entre as coisas é à base da metáfora.

Outro aspecto importante a ser considerado, nessa tríade identificada por Johnson (1981) a respeito do tratamento dado por Aristóteles ao assunto, diz respeito ao bom e apropriado uso da metáfora em contraposição à má utilização da mesma. Aristóteles trata dos méritos da metáfora poética, apresenta o grande valor da mesma na prosa. É nas passagens sem ação, caráter ou ideia, que importa esmerar a linguagem, pois um estilo demasiado brilhante ofusca os caracteres e os pensamentos.

2.2 A METÁFORA: UMA ABORDAGEM LITERÁRIA

[...]
 Chega mais perto e contempla as palavras.
 Cada uma
 tem mil faces secretas sob a face neutra
 e te pergunta, sem interesse pela resposta,
 pobre ou terrível, que lhe deres:
 Trouxeste a chave?
 [...]
 (ANDRADE, 1977, p. 77)

A partir da análise do fragmento do texto de Drummond pode-se perceber que é possível interpretá-lo de diferentes formas, ou encontrar nele diferentes significados. Isto significa que nem sempre a compreensão da metáfora é tão simples e direta. Muitas metáforas exigem que o leitor complete seu sentido, ou seja, que o leitor lance mão das experiências, da sua sensibilidade para compreendê-las. De modo que nem sempre elas são compreendidas da mesma forma por todas as pessoas. A compreensão da metáfora depende, também, da subjetividade do leitor (GUIMARÃES; LESSA, 1988, p. 12).

A metáfora, na tradição retórica, era/é vista como um fenômeno de linguagem, um ornamento lingüístico. Era/é considerada um desvio de linguagem usual e própria de linguagens especiais, como a poesia e com característica apersuasiva.

O conceito da metáfora na literatura não difere muito dos conceitos no qual se refere Aristóteles. Considerando o universo literário, é certo que se encontram muitas metáforas nas poesias e textos. No fragmento do poema *Procura da Poesia* de Carlos

Drummond de Andrade fica evidente o desvio do uso literal da língua. A metáfora é/está ainda bastante relacionada à poesia.

Barthes (1978 apud Daltoé, 2011, p. 90) vê a linguagem como impedimento à liberdade. Liberdade só haveria fora dela e, como isso é impossível, só resta [...] “trapacear com a língua, trapacear a língua”. Conforme Anjos,

O lugar dessa “trapaça salutar” seria a literatura. Não literatura como conjunto de obras, mas como texto no qual a língua deve ser combatida, desviada pelo jogo de palavras de que ela é teatro. Portanto, se o sujeito, no alcance do poder, precisa da linguagem para seu intento, precisa se submeter aos “caprichos” dela no DP. (ANJOS, 2003, p. 11)

2.3 METÁFORA NO CAMPO DA GRAMÁTICA NORMATIVA

A metáfora está inserida nas gramáticas como parte de um conteúdo chamado figura de linguagem, no subgrupo de figuras de palavras, cujo objetivo é alterar o sentido real de uma expressão passando-a para um sentido figurado, conforme descrito na gramática de Ernani Terra (2007), a “metáfora- consiste em empregar um termo com significado diferente do habitual, com base numa relação de similaridade entre o sentido próprio e o sentido figurado. A metáfora implica, pois, uma comparação em que o conectivo comparativo fica subentendido”. (TERRA, 2007, p. 416). Exemplo:

“Meu pensamento é um rio subterrâneo”³.

Diante do exposto, uma figura de linguagem incide em um desvio do padrão da linguagem a fim de tornar o texto mais compreensivo e/ou expressivo.

Para Lima (1998), metáfora consiste na transferência de um termo para uma esfera de significação que não é a sua, em virtude de uma comparação implícita.

Guimarães e Lessa (1988) classificam a metáfora como uma

figura de palavra em que um termo substitui outro em vista de uma relação de semelhança entre os elementos que esses termos designam. Essa semelhança é resultado da imaginação, da subjetividade de quem cria a metáfora. A metáfora também pode ser entendida como uma comparação abreviada, em que o conectivo não está expresso, mas subentendido. (1988, p. 9).

Até os dias atuais, a percepção da metáfora está voltada à visão tradicional que, conforme Cereja (2005, p. 398), também a considera uma “figura que consiste no emprego de

³ Brasil escola. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/portugues/figuras-linguagem.htm>> Acesso em 31 de mar. 2012.

uma palavra de sentido que não lhe é comum ou próprio, sendo esse novo sentido resultante de uma relação de *semelhança*, de *intersecção* entre dois termos”. Neste sentido, a metáfora é percebida como um ornamento da linguagem, um fenômeno linguístico ligado apenas à literatura romanceada ou à poesia.

Segundo Pereira (2005, p. 81), “as figuras de linguagem, palavra ou grupo de palavras, são utilizadas para dar ênfase a uma idéia ou sentimento”. De certa forma, a autora corrobora com Aristóteles ao afirmar que “elas (figuras de linguagem) servem exatamente para expressar aquilo que a linguagem comum, falada, escrita e aceita por todos, não consegue expressar satisfatoriamente”. (PEREIRA, 2005, p. 81).

O conceito abordado acima faz parte de uma visão tradicional da metáfora iniciada por Aristóteles, mas que vem sofrendo modificações no modo como se entende a metáfora e, que vem sendo tratada por vários estudiosos como uma virada paradigmática, pois, como sugere Lakoff e Johnson (2002) em seu livro *Metáforas da vida cotidiana* - que será tratado mais adiante – é a partir da década de 1970 que essa ruptura se dá de forma mais marcante e ampla, levando a uma reformulação na maneira de se conceber a objetividade, a compreensão, a verdade, o sentido e a metáfora. Informações estas que serão retomadas mais adiante.

George Lakoff e Mark Jonhson na década de 1980 conceberam a metáfora como um princípio cognitivo, e relatam que não há verdades absolutas, pois as metáforas são culturais, resultantes de mapeamentos relevantes para certas civilizações ou ideologias, e que são uma representação mental abstrata, porém sabe-se que elas existem, pois tomam forma tanto na fala quanto na escrita por meio de expressões metafóricas.

Segundo Zanotto (1998, p. 14) a teoria aristotélica da metáfora como figura de retórica, com a única função de ornamentar, vigorou durante 23 séculos como um dogma inquestionável e, no presente, é ela que a maioria das pessoas tem em mente quando ouvem ou se referem à metáfora. É essa concepção também que é divulgada nas gramáticas e livros didáticos e que tem influenciado a concepção de leitura.

No entanto, o termo “metáfora” não se refere apenas àquelas frases e ou expressões que, na escola, aprendemos a classificar como metáfora (CAVALCANTE, 2002, p. 114). Nos capítulos que seguem pretender-se-á mostrar os novos conceitos que surgiram sobre a metáfora.

3 A METÁFORA COMO UMA INTERVENÇÃO COGNITIVA: LAKOFF E JOHNSON

O que se viu até agora foi o conceito tradicional da metáfora que é utilizado até os dias atuais. Contrapondo essa visão tradicionalista apresenta-se a Teoria da Metáfora Conceptual.

3.1 METÁFORA CONCEPTUAL

Lakoff e Johnson lançaram em 1980 o livro *We live by*, que foi traduzido para o português como *Metáforas da vida cotidiana* no ano de 2002. Nesta obra, os autores descrevem um grande estudo sobre a metáfora, na qual foi chamada de *Teoria da Metáfora Conceptual*. Estes pesquisadores demonstraram em seus estudos que a metáfora não está restrita à linguagem, mas que está presente no cotidiano das pessoas através da linguagem, bem como no pensamento e na ação de cada indivíduo.

Neste sentido, como afirma Lakoff e Johnson (2002), o nosso sistema conceptual, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é basicamente metafórico por natureza. Através do conceito que esses autores extraem da metáfora é que se pode compreender o caráter da metáfora no próprio discurso, ou seja, quando se observam relações conceituais instituídas na composição de expressões, e enunciados e que são decodificados.

Para o desenvolvimento da Metáfora Conceptual, Lakoff e Johnson (2002) partiram de estudos realizados por Reddy (1979), que fez uma investigação minuciosa de enunciados lingüísticos a respeito da conceptualização metafórica no que tange o conceito de comunicação, em seu ensaio *The conduit metaphor*, que foi traduzido como *Metáfora do Canal*.

Reddy (1979) acreditava que uma sociedade com melhores comunicadores poderia ter menos conflitos, dessa forma, passou a investigar como se apresentava o problema de comunicação entre os falantes da língua inglesa partindo de dois argumentos: “Que tipo de histórias as pessoas contam sobre seus atos de comunicação? Quando esses atos perdem o rumo, como é que as pessoas descrevem ‘o que está errado e o que precisa de conserto?’”. Reddy (1979) analisou os enunciados dos falantes de língua inglesa no uso da própria fala sobre a comunicação. Assim ele percebeu que é possível organizar os enunciados em quatro categorias principais da *Metáfora do canal*, pois tais enunciados evidenciam que:

(1) a linguagem funciona como um canal, transferindo pensamentos corporeamente de uma pessoa para outra; (2) na fala e na escrita, as pessoas inserem seus pensamentos e sentimentos nas palavras; (3) as palavras realizam a transferência ao conter pensamentos e sentimentos e conduzi-los às outras pessoas; (4) ao ouvir e ler, as pessoas extraem das palavras os pensamentos e os sentimentos novamente. (REDDY, 1979 apud LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 20).

Tal argumentação concreta de se pensar a comunicação pode ser de certa forma capciosa ou nociva na visão de Reddy, ou seja, a metáfora do canal revela que a comunicação é compreendida com êxito, conduzindo o ouvinte ou leitor que este deve apenas pegar o significado que está nas palavras e colocá-lo na sua cabeça. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 16).

Neste sentido, de acordo com a metáfora do canal, Lakoff e Johnson (1980) afirmam que:

As expressões linguísticas (palavras, sentenças, parágrafos, livros, etc.) são comparadas a vasos ou canais nos quais pensamentos, idéias, sonhos são despejados e dos quais eles podem ser tirados exatamente como foram enviados, realizando uma transferência de posse. (LAKOFF E JOHNSON, 1980 apud GREEN, 1989, p. 10).

Ou seja, a metáfora do canal considera que as ideias são objetos, que as expressões linguísticas são recipientes e que comunicar é enviar. Assim, a metáfora do canal propaga uma ideia enganosa de que é possível uma comunicação com sucesso garantido.

Para contrapor tais ideias, Reddy (1979) traz o paradigma dos fazedores de ferramentas, através do qual o autor propõe que a possibilidade de falhas na comunicação e na interpretação são intrínsecas à comunicação. Desta maneira, tais tendências só poderiam ser minimizadas com esforço contínuo e grande quantidade de interação verbal.

O autor salienta que para que a comunicação aconteça é necessário grande gasto de energia. É importante ressaltar que tal estudo demonstrou que a metáfora do canal é um sistema que estrutura profundamente os pensamentos e ações dos falantes de língua inglesa.

A partir desses estudos, Lakoff e Johnson (2002) deram continuidade ao trabalho iniciado por Reddy descobrindo metáforas conceptuais subjacentes às expressões linguísticas metafóricas. Assim, a metáfora do canal é considerada por eles como uma metáfora complexa, constituídas por uma rede de metáforas conceptuais. Como por exemplo:

A) MENTE É UM RECIPIENTE: Não consigo tirar essa música da minha cabeça. Sua cabeça está recheada de ideias interessantes. B) IDEIAS OU SENTIDOS SÃO OBJETOS: Quem te deu essa ideia? Você encontrará ideias melhores que essa na biblioteca. C) PALAVRAS OU EXPRESSÕES LINGUISTICAS SÃO RECIPIENTES: Não consigo pôr minhas ideias em palavras. O significado é o que

está nas palavras, bem aí. D) COMUNICAR É ENVIAR OU TRANSFERIR A POSSE: Vou tentar passar o que tenho na cabeça. Eu lhe dei essa ideia. E) COMPREENDER É PEGAR OU VER: Peguei o que você quis dizer. Você pode ver ideias coerentes nesse trabalho? (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 17).

Abaixo, alguns exemplos de metáfora do canal (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 54):

- É difícil *passar* aquela idéia *para ele*. (It's hard to *get* that Idea *across* to him.)
- Eu lhe *dei* aquela idéia. (I *gave* you that idea.)
- É difícil *pôr* minhas idéias *em* palavras. (It's difficult to *put* my ideas *into* words.)
- O significado está bem ali *nas* palavras. (The meaning is right there *in* the words.)
- A frase está *sem* sentido. (The sentence is *without* meaning.)

Conforme esses exemplos, Lakoff e Johnson (2002) afirmam que “é bem mais difícil ver que há algo encoberto pela metáfora, ou até mesmo perceber a própria existência da metáfora. Essa é a maneira tão convencionalizada de se pensar sobre a linguagem e que fica difícil imaginar que esse modo de pensar possa não corresponder à realidade” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 55).

A partir então dos estudos da *Metáfora do canal*, é que Lakoff e Johnson (2002) desenvolveram um novo conceito na forma de compreender o processo metafórico que embasa nossa linguagem, isto, de acordo com o estudo realizado por eles.

Para Zanotto (1998, p. 15), esta forma de conceber a metáfora, de acordo com a Metáfora Conceptual, está consolidada em nossa fala e nossa cultura sem nos darmos conta.

Este estudo provocou tamanha mudança, que desencadeou inúmeras pesquisas sobre a metáfora. Assim, a teoria abordada no livro é apenas uma das inúmeras teorias que surgiram e provocaram um grande impacto na maneira de se compreender a metáfora da tradição Aristotélica.

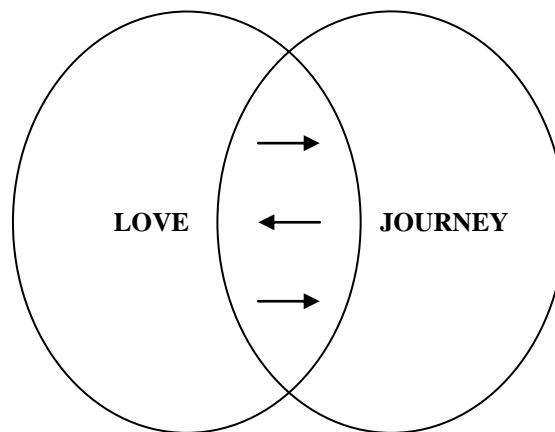
Segundo Ortony (1993),

A idéia central do novo paradigma é de que a cognição é o resultado de uma construção mental. O conhecimento da realidade tenha sua origem na percepção, na linguagem ou na memória, precisa ir além da informação dada. Ele emerge da interação dessa informação com o contexto no qual ela se apresenta e com o conhecimento preexistente do sujeito conhecedor. (ORTONY, 1993 apud LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 13).

Pelos conceitos tradicionais da metáfora muitas pessoas imaginam que conseguem viver muito bem sem o uso das metáforas. No entanto, Lakoff e Johnson (2002, p. 45) descobriram que a metáfora conceptual, como eles denominaram, “está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação” das pessoas.

Partindo desse viés, Lakoff e Johnson (2002) afirmam que nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não se pensa, mas também se age, é fundamentalmente metafórico por natureza. Isso quer dizer que, para os autores, agimos de acordo como compreendemos as coisas. Eles denominam essa nova perspectiva acerca da metáfora como *metáfora conceitual* ou *conceito metafórico*, que é estruturado no pensamento humano e permite compreender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra. Dentro deste viés, a metáfora é uma intervenção cognitiva fundamental formada por dois domínios de conhecimento que eles classificam como domínio-fonte e domínio-alvo. O primeiro abrange o conhecimento já existente e o segundo está voltado ao que se busca compreender. No entanto, a metáfora não pode ser baseada em conceitos inerentes, assim esses domínios surgem como resultados de metáfora conceptuais, que infere um domínio de experiência em termos de outro.

Por exemplo, o AMOR É UMA VIAGEM, é, na concepção de Lakoff e Johnson (2002), uma metáfora conceptual que conceitua o amor e nos permite compreender o amor como uma viagem. Borba (2007, p. 12) utiliza um exemplo do mapeamento do *amor como uma viagem*:



LOVE IS A JOURNEY – Diagram 1⁴

LOVE AS JOURNEY

Mappings

Lovers ↔ travelers

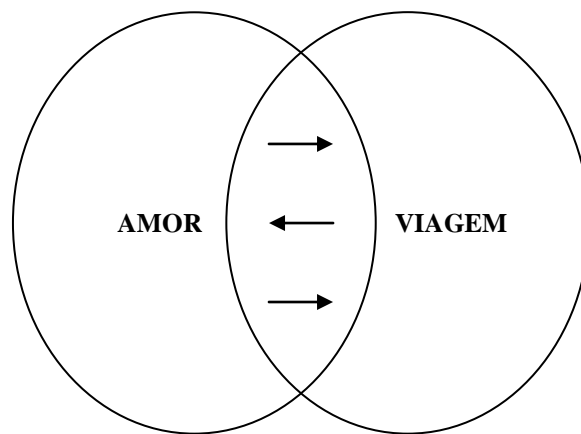
⁴ LAKOFF & JOHNSON, 1980 apud BORBA, p. 12, 2007.

Relationship ↔ vehicle

Lovers goals ↔ destinations

Difficulties in the relationship ↔ obstacles to travel

O exemplo acima foi traduzido da seguinte forma:



O AMOR É UMA VIAGEM – Diagrama 2

O amor é uma viagem

Mapeamento

Amor ↔ Viagem

Relacionamento ↔ Veículo

Estratégias amorosas ↔ Destino

Dificuldades no relacionamento ↔ Obstáculos na viagem

Dessa forma - conforme os autores - parte-se do domínio-fonte, que seria o conhecimento adquirido, neste caso a viagem, e volta-se para o domínio-alvo, que é o que se busca entender, neste caso o amor. Estes domínios são resultados de metáforas conceituais.

Esse conceito é representado, conforme Lakoff e Johnson (2002, p. 24), nas seguintes expressões lingüísticas:

*Veja a que ponto nós chegamos.
Agora não podemos voltar atrás.
Nós estamos numa encruzilhada.
Nossa relação não vai chegar a lugar nenhum.*

Para indicar o nome do mapeamento – que são relações feitas entre os domínios, os autores “adotaram como estratégia representá-lo em letras maiúsculas, seguindo a forma: DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO FONTE, ou, DOMÍNIO-ALVO COMO DOMÍNIO-FONTE”. (LAKKOF; JOHNSON, 2002, p. 25).

No exemplo anterior poder-se-ia ter os seguintes mapeamentos: domínio fonte - as viagens; e um domínio alvo - o amor. Conforme Lakoff (1986, p. 216-217) existem, “ocorrências ontológicas, de acordo com as quais as entidades no domínio do amor, por exemplo, os amantes, seus objetivos comuns, suas dificuldades, a relação amorosa, etc. correspondem sistematicamente a entidades no domínio de uma viagem, os viajantes, o veículo, os destinos etc”.

Dessa forma, os exemplos acima mostram que a metáfora não deve ser tratada aqui apenas no nível da palavra ou mesmo das frases. O lugar de observação de índices de metáforas conceituais é o discurso, pois é nele que se manifestam as marcas de uma intervenção cognitiva, como as exemplificadas acima. E ao se pensar em discurso, reflete-se certamente em comunidades discursivas que legitimam determinadas formas de se pensar o mundo e, conseqüentemente, determinadas metáforas e não outras.

A importância dos conceitos tratados até o momento é uma trajetória importante no que diz respeito à compreensão da metáfora. Dessa forma no próximo capítulo será descrito um breve resumo sobre um a obra de um estudioso no campo da metáfora e que de certa forma também partilha das teorias dos autores citados acima.

3.2 A METÁFORA PARA SARDINHA

Tony Beber Sardinha vai trabalhar a partir da proposta teórica de Lakoff e Johnson.

A palavra metáfora deriva da língua latina, é de origem grega, que significa *metapheirein*, conforme Sardinha (2007, p. 21-22), “significa transferência ou transporte. Segundo este mesmo autor, etimologicamente, a palavra é formada por ‘meta’, que quer dizer, ‘mudança’, e por ‘pheiren’, que significa ‘carregar’”. Conforme o autor, a metáfora “seria uma transferência de sentido de uma coisa para outra”. (SARDINHA, 2007, p. 22).

Ao se lançar um olhar sobre a metáfora, é certo afirmar que hoje existe um vasto campo de pesquisa. Desde a década de 1970, a concepção da metáfora vem ganhando terreno como tema importante de trabalhos e de grande valor cognitivo. No livro *Metáfora*, Sardinha (2007) faz uma abordagem das várias teorias acerca desta e cada uma com uma vertente diferente, tais como:

- Metáfora conceptual;
- Metáfora sistemática e;
- Metáfora gramatical.

Esta classificação de metáfora*⁵ evidencia o vasto campo teórico no qual esta se insere. Tendo isso em vista, Sardinha (2007) aponta para tal importância,

as metáforas são recursos retóricos poderosos e são conscientemente usados por políticos, advogados, jornalistas, escritores e poetas, entre outros, para dar mais ‘cor’ e ‘força’ a sua fala e escrita. Elas também são meios de expressar uma grande quantidade de informação. Ao mesmo tempo, são um modo simples de expressar um rico conteúdo de idéias, que não poderiam ser bem expresso sem elas. As metáforas também criam uma relação de proximidade com o ouvinte, o leitor ou a platéias, pois ao ‘entender’ a metáfora, o leitor passa a ser cúmplice do falante (SARDINHA, 2007, p. 13-14).

A metáfora como será descrita neste trabalho vai além do seu simples propósito de figura de linguagem, ou seja, que pode ser compreendida por meio de uma comparação, ou associação.

Em suma, a metáfora não se restringe apenas a uma figura ornamental do discurso, ou uma representação no sentido figurado como a retórica clássica parecia fazer crer. Outras propostas no sentido de compreender a metáfora têm surgido. Tanto que gramáticos e estudiosos refletem e conceituam a metáfora na tentativa de buscar compreender esse mecanismo cognitivo.

Neste sentido, Sardinha (2007, p. 62) traz um recorte sucinto de alguns trabalhos relevantes que surgiram com a evolução na compreensão do uso de metáforas:

*Não estraremos na definição destas metáforas já que esta abordagem de classificação da metáfora não dá conta do que objetivamos neste trabalho.

	Tradicional	Metáfora Conceptual	Metáfora Sistemática	Metáfora Gramatical
Fundador(es)	Gramáticos, gregos, romanos e renascentistas	George Lakoff e Mark Johnson	Lynne Cameron	Michael Halliday
Principais seguidores	Gramáticos estudantes de literatura em geral	Ray Gibbs, Zoltán Kövecses, Gerhard Steen	Alice Deignan	Jim Martin, Mirian Tanerniers, Louise Ravelli
Disciplina de origem	Poesia e retórica	Linguística cognitiva	Linguística aplicada	Linguística sistêmico- funcional
Foco	Uso especializado	Mente	Uso habitual	Sistema linguístico

O quadro acima foi trazido, aqui, como forma de sintetizar as vertentes que surgiram ao longo do tempo. Sobre isso, Sardinha (2007, p. 60) traz um breve resumo no qual as quatro vertentes concordam que:

- A metáfora é um fenômeno da linguagem em uso. Ou seja, se as pessoas não falassem metaforicamente, se a metáfora não fosse um fenômeno visível e audível, nenhuma das teorias aqui apresentadas faria sentido, nem teria razão de existir.
- A metáfora é um fenômeno cognitivo. Todas as vertentes deixam mais ou menos explícito que as metáforas possuem ligação com o pensamento. A extensão e a centralidade da relação é o ponto de discórdia.
- Metáforas conceptuais, sistemáticas e gramaticais são um recurso habitual dos usuários de uma língua. Elas existem em abundância no meio da escrita e da fala.
- A metáfora é um fenômeno importante para entender o ser humano. Cada vertente realça um aspecto vital dela: o uso retórico e estilístico (na visão tradicional), a primazia do pensamento metafórico (na visão conceptual), o uso recorrente e sistemático (na visão sistemática) e a presença no sistema linguístico como um todo (na visão gramatical). (SARDINHA, 2007, p. 60).

Contudo, conforme o autor, todas se diferenciam em alguns aspectos. Sardinha entende que a metáfora em termos de significância é a “transferência de uma palavra por outra”. Contudo suas pesquisas são baseadas no conceito de metáfora cognitiva abordadas pelos autores Lakoff e Johnson que categorizam as metáforas.

A abordagem que nos propomos neste trabalho segue no campo da Análise do Discurso de linha francesa, e que contempla um estudo importante para subsidiar a noção de metáfora que objetivamos alcançar. Para Pêcheux (1975),

o sentido só existe em relação de metáfora dos quais certa formação discursiva vem a ser o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões, proposições recebem seus sentidos das formações discursivas nas quais se inscrevem. A formação discursiva se constitui na relação com o interdiscurso (a memória do dizer), representando no dizer as formações ideológicas. (PÊCHEUX, 1975 apud ORLANDI, 1996, p. 21)

Por este motivo aqui trataremos de uma figura ilustríssima que provocou um verdadeiro “alvoroço” na mídia: o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Seus discursos foram computados, transformados em livros, enfim, aqui traremos um recorte de alguns termos utilizados por ele bem como um questionário realizado com alunos do terceiro ano do ensino médio a respeito de como esses adolescentes avaliam a relação das metáforas no discurso político do ex-presidente.

Considerando a figura política de Lula, segue uma breve introdução sobre o Discurso Político, conforme o capítulo a seguir.

4 DISCURSO POLÍTICO

O que é um discurso político? O que se entende por discurso político? Charaudeau (2008, p. 15) vai dizer que “as respostas não são evidentes e jamais poderiam emergir dissociadas de um ponto de vista particular”. Nesse contexto várias disciplinas como afirma Charaudeau, têm estudado o fenômeno político, e o constroem como um objeto que lhes é próprio.

Para um lingüista do discurso, que não pode ignorar que a linguagem não faz sentido, a não ser na medida em que este é considerado em certo contexto psicológico e social - e que, conseqüentemente, em seus procedimentos de análise devem ser integrados conceitos e categorias pertencentes a outras disciplinas humanas e sociais-, convém tentar definir a problemática geral na qual será construído e estudado seu objeto (CHARAUDEAU, 2008, p. 15).

Aqui, mais particularmente, trata-se de tomar posição quanto às relações entre linguagem, sujeito, formação discursiva, interpretação, a fim de determinar a problemática na qual será estudada a metáfora no discurso político do ex-presidente Lula. É necessário compreender que, conforme Charaudeau (2008, p. 16) “todo ato de linguagem emana de um sujeito que apenas pode definir-se em relação ao outro”. Isto significa dizer que, o sujeito é “constituído por diferentes vozes sociais, é marcado por intensa heterogeneidade e conflitos, espaços em que o desejo se inter-relaciona constitutivamente com o social e manifesta-se por meio da linguagem” (FERNANDES, 2007, p. 45).

Conforme Panke (2008, p. 2), o discurso político “é a manifestação pública e linguística de qualquer pessoa que tenha considerações sobre a *polis*. [...] Quem fala é legitimado para tal e se posiciona em nome de determinado grupo ideológico, seja institucional ou não”. Assim sendo, existe um posicionamento em relação a quem fala e de onde fala. Em outras palavras “o discurso político provém de uma formação discursiva que atribui posições não somente a locutores (autorizados), mas todos os enunciados, inclusive aqueles pertencentes a outras formações” (CORTEN, 1999, p. 51). Assim o discurso político é responsável por movimentar “objetos” de sentidos, e neste caso, a opinião pública.

No campo do discurso político, a metáfora pode ser considerada recurso significativo, pois, como afirma Charaudeau (2008), aquele é o “lugar de um jogo de máscaras”, no qual toda palavra deve ser avaliada pelo que é dito do que não o é, um não-dito, que também quer dizer alguma coisa, o que aponta para a importância do estudo da linguagem metafórica nas manifestações discursivas, pela capacidade que apresenta de transportar ao mesmo tempo significados de superfície e outros tantos subjacentes.

A noção de discurso político vem contribuir para o nosso trabalho já que, nos próximos capítulos entraremos no campo teórico da AD de linha francesa, e que movimentamos esse tipo de discurso e no qual veremos os sentidos trabalhados por ela, mais precisamente a metáfora. A AD trabalha com a língua no mundo, com sujeitos falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. Para tanto, trouxemos como representante do discurso político a figura política de Lula, uma vez que este despertou interesse tanto da mídia brasileira como estudiosos da Língua. Isto porque, conforme aponta Daltoé (2011),

Durante os oito anos em que estive na Presidência do País, Lula foi notícia pelo que fez e, muito, pelo que falou. Para a mídia e para o meio intelectual em geral, as ML se transformaram em uma característica do DL, um jeito de falar, um tipo de estilo, a ser investigado, analisado e, até mesmo, desvendado (DALTOÉ, 2011, p. 33).

Por tais características, ou seja, seu estilo de falar é que nos chama a atenção de uma forma peculiar, o que o torna um motivador da pesquisa, pois, segundo Foucault (apud Brandão ([199-], p. 31) “o discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente”.

Segundo, Charaudeau (2008, p. 52), “todo discurso se constrói na intersecção entre um campo de ação, lugar de trocas simbólicas organizado segundo relações de força (Bourdieu), e um campo de enunciação, lugar de mecanismos de encenação da linguagem”. Ou seja, há, nesse sentido, um lugar que o sujeito ocupa para ser sujeito do que diz.

Ainda conforme o autor,

O discurso político, no que concerne, às suas significações e a seus efeitos, não resulta da simples aplicação de esquemas de pensamento pré-construídos que se reproduziriam sempre da mesma maneira [...]. As significações e os efeitos resultam de um jogo complexo de circulação e de entrecruzamentos dos saberes e das crenças que são construídos por uns e reconstruídos por outros. Essa construção-reconstrução se opera segundo o lugar ocupado no contrato e, ao mesmo tempo, segundo o posicionamento dos indivíduos que ocupam essas posições. (CHARAUDEAU, 2008, p. 52, 53).

Nesse sentido, levando em consideração a posição que o sujeito ocupa para ser sujeito do que diz, passamos para o próximo capítulo no qual trataremos do discurso do ex-presidente Lula.

4.1 DISCURSO DE LULA

Durante sua trajetória como presidente da República, Lula atraiu a atenção de intelectuais, jornalistas e políticos, pela maneira particular de falar, fazendo uso de analogias, figuras de linguagem, e, sobretudo, o uso das metáforas, estas por representarem um caráter particular em seu discurso.

Segundo Daltoé (2011),

[...] consideramos que estas metáforas passaram a representar, no cenário da política brasileira, um jeito particular de enunciar, pois [...] outros Presidentes do Brasil também empregaram metáforas em seu discurso, mas, nem por isso, se polemizou tanto a respeito de seu discurso, como ocorreu com o DL, resultando de toda essa discussão teses, dissertações, livros, dicionários, resenhas, artigos, charges, etc. (DALTOÉ, 2011, p. 44).

As noções de metáforas trazidas até aqui parecem não dar conta do que se tem observado no funcionamento das ML, motivo pelo qual nos faz buscar na AD de linha francesa, condições de pensar estas metáforas do ponto de vista discursivo, uma vez que se tenta trabalhar os sentidos em sua relação.

A metáfora é muito importante na AD, pois é compreendida como transferência e não desvio de palavras, e que está cercada de sentidos enquanto constituição do sujeito. Orlandi (2001, p. 44) define como “a tomada de uma palavra por outra. Na AD, ela significa basicamente transferência, estabelecendo o modo como às palavras significam”. Nesse sentido, a noção de metáfora não é uma simples figura de linguagem como é definida na retórica. Na AD ela é imprescindível, pois conforme a autora,

Em princípio não há sentido sem metáfora. As palavras não têm, nessa perspectiva, um sentido próprio, preso a sua literalidade. Segundo Pêcheux (1975), o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (metáfora), que elementos significantes passam a confrontar, de modo que se revestem de um sentido (ORLANDI, 2001, p. 44).

Na AD, como foi dito anteriormente, devemos “lembrar que o sujeito discursivo é pensado como “posição” entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz” (FOUCAULT, 1969 apud ORLANDI, 2001, p. 49).

Pensando isso, o que podemos dizer de Lula? Não foi só por ser/ter sido presidente que Lula se tornou um homem notável na mídia e certamente não foi somente por ele ter sido ex-metalúrgico e ter alcançado um dos postos mais importantes da sociedade brasileira, mas principalmente por seus pronunciamentos, sua linguagem, seus discursos, suas metáforas.

Para Sardinha (2008) Lula é um orador de sucesso, pois sabe empregar como poucos uma retórica que fala de perto ao povo mais simples do país, (...) Com certeza, um ingrediente fundamental de seu desempenho é o uso de metáforas (2008, p. 115). Todavia, vale lembrar que este efeito de sentido em Sardinha pressupõe um sujeito autônomo diante da língua, o que não corresponde com o sujeito da AD, pois o sujeito na AD não é autônomo, ou seja, ele não é a origem de si.

Foi por conta do “estilo Lula de discursar” que ele movimentou a imprensa brasileira chamando a atenção de estudiosos da língua, jornalistas, políticos e da própria população. Fazendo surgir questionamentos acerca do “bem falar” de um presidente o que os leva a pensar a fala do ex-presidente ou indagar-se se um homem naquela posição deveria ter dito ou não aquilo numa tentativa até mesmo de decifrar esse discurso. O meio intelectual e a mídia perceberam que o ex-presidente empregava metáforas para se comunicar. E se valeram dessa linguagem para ora criticá-lo ou ora vê-lo como um estrategista e outros ainda apontam para o meio humorístico na fala de Lula como veremos adiante.

Levando em consideração as críticas, na revista *Língua Portuguesa*, saiu uma matéria com várias recriminações ao ato de fala de Lula pelo uso de figuras de linguagem, entre elas a metáfora que foi vista por estudiosos da língua como “uma saída para quem não quer ser cobrado pelo que diz – Quando se usa uma metáfora, tem-se um grau menor de compromisso com a realidade. Não dá para as pessoas cobrarem objetivamente um discurso metafórico”, segundo Alessandra Aldé. E mais, “as metáforas apenas anunciam o que [Lula] não pode enunciar claramente: “a mutação”. Isto de acordo com Edmundo Fernandes Dias.

Respalhando-nos em Daltoé (2011, p. 34-35), os efeitos destas críticas citadas “vão apontá-las [ML] como recurso de linguagem, para demonstrar o descompromisso de Lula com o que diz, mascarando as mudanças de seu discurso. Neste caso, as metáforas representariam uma maneira de Lula esconder as mudanças pelas quais seu discurso passou na transição de ex-operário a Presidente do País”.

Sob o ponto de vista humorístico, surge a obra *Nunca antes na história deste país* de Marcelo Tás. O livro reúne, de acordo com o autor, “frases engraçadas e polêmicas do presidente” (TÁS, 2009), que num tom depreciativo, de acordo com Daltoé (2011, p. 36) “a obra categoriza o DL a partir do *Lula advogado, Lula animal político, Lula economista, Lula marqueteiro*, etc., num trabalho que esconde a fala de Lula a partir do objetivo do humor, afastando-a de qualquer implicação/constituição sócio-histórica”.

Mas há, também, quem aprecie o modo de falar de Lula. Na obra *Dicionário Lula: um presidente exposto por suas próprias palavras*, Ali Kamel (2009) retrata o discurso do ex-presidente da seguinte forma:

Repetição, metáforas facilmente entendidas pelo cidadão comum, linguagem simples e convencional, essa é a fórmula de Lula. Mas há ainda outro ingrediente. Quando necessário, Lula não se importa nem mesmo de usar imagens fortes, que poderiam ser vistas como de mau gosto. Essa linguagem “forte”, embora não frequente, é usada sem constrangimento sempre que o presidente a considera necessária: a fala sem ressalvas, não há nenhum pedido de licença para se usar uma linguagem mais contundente. Seu objetivo é comunicar-se, ele usa de todos os recursos. (KAMEL, 2009, p. 35).

Kamel, ainda que o pressuponha Lula como um sujeito consciente de seu discurso, não procura diminuí-lo pelo seu modo de dizer, pois o vê como um comunicador habilidoso. Daltoé (2011) aponta que a importância do trabalho de Kamel está em também tentar “entender por que o DL se marca como um modo particular de enunciar, construindo-se aí uma diferença em relação ao discurso de outros Presidentes” (2011, p. 597).

Entendemos que, as críticas apontadas sobre a fala de Lula tentam resgatar um ideal de linguagem como foi proposto por Pêcheux (2002) no qual, “o sujeito pragmático – isto é, cada um de nós – tem por si mesmo uma imperiosa necessidade de homogeneidade lógica” (2002, p. 33), ou seja, existe uma querência necessária pelo sujeito dos espaços logicamente estabilizados, o funcionando de uma linguagem ideal. Neste contexto, podemos instituir que esses idealistas da língua entendem que há certa forma de um presidente da república se portar diante do povo.

Embora haja essa necessidade de um mundo logicamente estabilizado, para Pêcheux (2002), “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação” (2002, p. 53). É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso.

Percebemos essa movimentação em torno dos efeitos de sentido no discurso político de Lula e, nesse sentido, fizemos um recorte de alguns enunciados proferidos pelo ex-presidente a partir das metáforas produzidas por ele, no qual foi aplicado com alunos do terceiro ano do ensino médio para verificar a opinião deles sobre o modo de se falar sobre política. A partir dos enunciados selecionados e parafraseando Daltoé (2011) percebemos que o estranhamento nos pronunciamentos dele se justificava a partir de um imaginário de língua

política ideal, que, presa a um mundo logicamente estabilizado da língua política brasileira e não compreende a legitimidade das metáforas de Lula.

No próximo capítulo serão discutidas as ferramentas utilizadas pela AD de linha francesa. Será visto como a AD trata o sujeito, a partir da sua formação discursiva e formação ideológica, como se estabelece os sentidos no discurso desse sujeito, como fazer a interpretação dos enunciados através do mecanismo importante para a AD: a metáfora. O entendimento destas noções é que nos permitirão mobilizar os efeitos de sentidos encontrados nas falas dos alunos.

4.2 NOÇÕES TEÓRICAS DA ANÁLISE DO DISCURSO: UMA ABORDAGEM INTRODUTÓRIA

A AD iniciou-se na França entre 1960 por Michel Pêcheux. A AD é um campo de estudo que oferece ferramentas conceituais de acontecimentos discursivos na medida em que toma como objeto de estudos a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam a materialidade da linguagem e estão inseridos na história (GREGOLIN, 2007, p. 13).

Conforme Mariani (1999) a AD “é uma ciência que situa seu objeto – o discurso – no campo das relações entre o linguístico e o histórico-ideológico, buscando, no interior deste campo, as determinações sociais, políticas e culturais dos processos de construção do sentido” (1999, p. 107). E para isso lança mão de conceitos que são imprescindíveis para sua compreensão.

Primeiramente, o objeto teórico da AD é o discurso. Tem-se no discurso a ideia de curso, de movimento, conforme Orlandi (2001, p. 20) “a noção de discurso, em sua definição, distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem”. Nesse sentido distancia-se do conceito de comunicação criado por Jakobson (1973), no qual “um processo de comunicação normal opera com um codificador e um decodificador. O decodificador recebe uma mensagem. Conhece o código. A mensagem é nova para ele, e, por via do código, ele a interpreta” (JAKOBSON, 1973, p. 23). Dito de outra maneira, “um processo comunicativo em que um locutor emitiria a mensagem e seu interlocutor apreenderia exatamente o que o primeiro quis dizer e disse” (MITTMANN, 1999, p. 272). O discurso não funciona assim, porque não se pode falar em discurso como transmissão de uma informação transparente, pois a linguagem não é transparente, por isso ela é considerada opaca, uma vez que não consegue dizer tudo.

A AD trabalha com ferramentas que são necessárias para o entendimento dos efeitos discursivos, tais como: sentido, língua, interpretação, sujeito, formação discursiva, formação ideológica, metáfora, entre outros. E são esses aparatos que trataremos aqui.

Na AD abandona-se a categoria de sujeito empírico, do indivíduo, e trabalha-se com um sujeito dividido, com uma categoria teórica construída para dar conta de um lugar preenchido por diferentes posições-sujeitos (LEANDRO-FERREIRA, 2003, p. 43). Neste sentido o sujeito é “constituído por diferentes vozes sociais, é marcado por intensa heterogeneidade e conflitos, espaços em que o desejo se interrelaciona constitutivamente com o social e manifesta-se por meio da linguagem”. (FERNANDES, 2007, p. 45). Quando, aqui tomaremos como exemplo o ex-presidente Lula, faz algum pronunciamento ele ocupa uma posição-sujeito, se identifica dentro de uma formação discursiva.

Orlandi (2001) define a noção de formação discursiva como “processo de produção de sentidos”, pois “se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórico dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2001, p. 43). Logo, o sujeito é aquele que se identifica dentro de uma formação ideológica, conforme a autora:

Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras, mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele (ORLANDI, 2001, p.43).

Isso quer dizer que as palavras não significam por si só, pois só adquirem sentidos se mobilizadas pelo falante e, estes são sempre definidos dentro de uma formação ideológica.

Dada à questão de que sujeito e sentido são fundamentais para a AD, Henry (1992 apud LIMA, 1999, p. 263) afirma que o “sentido do enunciado é atravessado pelo ideológico e pelo subjetivo, sendo um efeito de ambos”.

Desta forma, o sentido do enunciado não é dado a *priori*, mas produzido dentro determinadas condições de produção. Devendo ser considerada as posições ideológicas com as quais o sujeito enunciador se identifica (MITTMANN, 1999, p. 272).

De acordo com Orlandi (2001) “ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impedido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo”. (ORLANDI, p. 53).

Conforme Brandão [199-],

a linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento; a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente (na medida que está engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia (BRANDÃO, [199-], p. 12).

Assim, os processos que constituem a AD são histórico-social. Dessa forma a língua significa porque a história intervém, a linguagem não é transparente e ela só faz sentido porque se inscreve na história. A história de que a AD trata certamente não é a de ordem cronológica, visto que o “conceito de história faz parte da ordem do discurso” (LEANDRO-FERREIRA, 2003). A história tem a ver com sentido, “ao produzir sentido, o sujeito se produz, ou melhor, o sujeito se produz, produzindo sentido. É esta dimensão histórica do sujeito – seu acontecimento simbólico- já que não há sentido possível sem a história, pois é a história que provê a linguagem de sentido” (ORLANDI, 2001). E para haver esse sentido a língua deve inscrever-se na história, sendo inscrita ela é sujeita a falhas, ao equívoco.

E aí entra o papel da noção de metáfora que é imprescindível na AD. Como já foi dito anteriormente, a metáfora é “definida como a tomada de uma palavra por outra” (ORLANDI, 2001, p. 44). É com esta noção de metáfora que vamos trabalhar, pois é ela que nos permite verificar o deslizamento do discurso produzindo sentido. Portanto “os procedimentos da AD têm a noção de funcionamento como central, levando o analista a compreendê-lo pela observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e de sujeitos, lançando mãos da paráfrase e da metáfora como elementos que permitem um certo grau de operacionalização dos conceitos” (ORLANDI, 2001, p.77).

Para mobilizarmos a compreensão desses sentidos lançamos mão da interpretação que segundo a autora “tem uma relação fundamental com a materialidade da linguagem, as diferentes linguagens significam diferentemente: são assim distintos gestos de interpretação que constituem a relação com o sentido nas diferentes linguagens” (2001, p. 19). Ou seja, ela é sempre suscetível de se tornar outro (ORLANDI, 2001, p. 59).

Para Orlandi (2001) “o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia”. (2001, p. 45). A AD, na perspectiva que lida com o sujeito, a história, a língua, se constitui na reflexão da linguagem humana. Com isso, pretendemos no próximo capítulo avançar na busca de sentido das metáforas a partir das ML analisando as falas dos alunos. O que nos interessa é perceber como esses alunos avaliam as ML, a partir da sua formação discursiva retomando algumas vezes, as ferramentas das quais trata a AD, mas também considerando todo o aparato teórico que foi abordado neste trabalho.

4.3 A INTERPRETAÇÃO DAS ML USANDO RECURSO DA ANÁLISE DO DISCURSO

No capítulo anterior foram abordadas noções de sentido, FD, FI, língua, sujeito, interpretação, história e metáfora. Estas noções irão nos auxiliar a movimentar os efeitos de sentidos obtidos na análise desta pesquisa. Sendo assim, descreveremos a seguir os resultados obtidos com o propósito deste trabalho.

De forma a identificar como os estudantes avaliam as metáforas no discurso de Lula, fizemos um recorte do estudo de Daltoé (2011) e cinco sequências discursivas foram selecionadas. Foi elaborado um questionário em que os alunos poderiam expor sua opinião a respeito de certo modo de falar sobre questões políticas. Considerando-as adequadas⁶, não adequadas⁷ ou em parte⁸. Essas SDRs (Sequência discursiva de referência) tratadas aqui como metáforas de Lula, de certa forma chamou a atenção de jornalistas e intelectuais da língua portuguesa. Contudo, vejamos como essas metáforas chamaram-na a atenção numa turma de 24 alunos do terceiro ano do Ensino Médio da Escola Almirante Lamago, localizada no município de Laguna, considerando que foi aplicado um instrumento com a seguinte pergunta: Qual sua opinião a respeito deste modo de falar sobre questões políticas?

SDr 1: Vamos trabalhar para ganhar as eleições. Não é uma eleição fácil. É como time de futebol. Quando o time está ganhando de um a zero, de dois a zero, quando o time está ganhando, recua, não quer mais fazer falta, pênalti, fica só rebatendo a bola. E quem está perdendo vem para cima com tudo, e é com gol de mão, de cabeça, de chute, de canela. Não tem jogo ganho ou fácil. (grifo nosso) (Lula, 2010)⁹

Qual sua opinião a respeito deste modo de falar sobre questões políticas?

Vejamos na sequência as respostas¹⁰ dos alunos:

Grupo 1

a) Mensagem clara.

b) Boa comparação c futebol, esse modo de fazer está plausível.

c) Boa comparação.

d) Discurso claro Para ganhar as eleições.

⁶ **Adequadas** compreende o Grupo 1.

⁷ **Não adequadas** compreende o Grupo 2.

⁸ **Em parte** compreende o Grupo 3.

⁹ Disponível em: <http://www.frasesfamosas.com.br/de/lula.html>. Acesso em 21/06/2010.

¹⁰ As respostas foram redigidas exatamente como o aluno respondeu no questionário.

e) *Consegui explicar o seu discurso.*

f) *Uso do futebol como metáfora que é fácil de entender.*

g) ¹¹ *Consegui explicar através de um jogo de futebol.*

h) *Nada é muito fácil, teve obstáculos, conseguiu chegar onde queria nada está ganho.*

i) *Fala a língua do povo.*

j) *Do futebol o povo entende.*

Grupo 2

a) *Ocupando cargo de presidente tem de ser mais claro no seu discurso, de uma forma mais direta, não voltar o seu discurso para um determinado público.*

b) *Não acho adequado comparar política com futebol.*

c) *Não acho adequado para um presidente comparar os partidos como times de futebol, passando a mensagem de que vão fazer de tudo para ganhar.*

Grupo 3

a) *Se expressou de forma correta ..., mas não podemos nos espelhar numa partida de futebol ou outra coisa.*

b) *na metade da metáfora ele cita que o outro time vem com tudo para cima, dizendo que os outros eleitores poderão fazer qualquer coisa para passarem a frente dele.*

Para Sardinha (2007) a metáfora “é uma comparação entre dois domínios diferentes” (p. 24). Neste caso, a metáfora, ELEIÇÃO É COMO TIME DE FUTEBOL, seria entendida por ele como uma categorização da metáfora conceptual, que conforme essa teoria entende-se que são necessários dois domínios e mapeamentos feitos entre esses domínios que vão inferir a partir da metáfora conceptual (p. 31-32). Certamente o autor tentaria encontrar os conhecimentos advindos dos domínios “eleição” e “futebol” e faria mapeamentos entre eles. Assim poder-se-ia inferir de acordo com essa teoria, por exemplo, a ELEIÇÃO É COMO TIME DE FUTEBOL, é uma metáfora conceptual que conceitua a eleição e que admite-se compreender a eleição como um time de futebol. Para os teóricos fundadores dessa teoria, Lakoff e Johnson (2002), partir-se-iam do domínio-fonte, que seria o conhecimento adquirido, neste caso time de futebol e olhar-se-ia para o domínio-alvo, que é o que se procura entender,

¹¹ * Corresponde a quantidade de respostas similares pelos alunos.

neste caso, a eleição. Então, ter-se-ia estes domínios como resultados de metáforas conceptuais. Porém, este tipo de leitura não auxilia no que busca a AD, uma vez que não esclarece a relação de sentido. Pois os efeitos de sentido investigados na AD procuram estabelecer relações com o sujeito-histórico-ideológico, dada a sua formação ideológica.

Assim, já que nos propomos a entender se a metáfora usada por Lula era de aprovação ou de negação, podemos dizer que o efeito de sentido causado no aluno foi de aprovação, pois, ao utilizar a palavra “futebol”, já se observa na fala do aluno uma simpatia. Desta forma, o fato dele usar a comparação de eleição, “é como um time de futebol,” leva os estudantes a pensar a relação do jogo de futebol. O que tem num jogo de futebol? Um time. Para que serve um time? Para todos lutarem pelos seus ideais em comum. Quais são os seus ideais? Ganhar o jogo. E para ganhar o jogo o que se deve fazer? Jogar. Como? Lançando mão de estratégias. Penso que seja mais ou menos isso as relações estabelecidas, e que poderia, de certa forma, facilitar a compreensão desses alunos para entender o que é uma eleição.

Este efeito pode ser observado nas falas dos alunos do Grupo 1, pois, também expõem que Lula “fala a língua do povo”, isso pode inferir que Lula, tem certo apreço, por se tratar de um presidente que veio de uma classe humilde e batalhou para ocupar esse “lugar”. Levando a considerar que este grupo aprovou o uso da metáfora utilizada pelo ex-presidente.

SDr 2: De vez em quando inventam uma briga entre Congresso e Executivo, Legislativo e Judiciário. Ninguém aqui é freira e santa, e não estamos em um convento. (Lula, abril de 2009)¹².

Qual sua opinião a respeito deste modo de falar sobre questões políticas?

Vejamos as falas dos alunos:

Grupo 1

- a)Ninguém são boas pessoas, muito pouco faz um trabalho honesto.*
- b)Porque só querem mídia.*
- c)Falou a linguagem do povo.*
- d)**Ninguém é santo.*
- e)Discurso claro.*

¹² Revista Veja, 30 de dezembro de 2009.

Grupo 2

- a)*****Ofendeu as freiras/ convento.*
- b)****Mau uso da palavra freira, governo não é santo, ou seja, sempre há corrupção.*
- c)*Envolveu muitas pessoas, e suas respectivas religiões.*
- d)*Congresso era para ser freiras e santas, ofendeu os políticos corretos, e se deu essa explicação, por ele também não é santo.*
- e)**Não entendi.*
- f)*Ninguém inventa, porque se acontece com certeza é só a realidade do cotidiano.*
- g)*Todos aprontam das suas, ninguém que esteja no congresso, executivo, e legislativo é completamente honesto.*

Grupo 3

- a)*Uso da metáfora não muito adequado, sendo que ele é o presidente, conseguiu fazer com que as pessoas entendam o que ele queria passar . Ele foi bem claro. Sem hipocrisia.*
- b)**Apesar de ser verdade, não fez uma boa comparação.*

O uso da metáfora (Congresso e Executivo, Legislativo e Judiciário x freira e santa) indica uma transferência de sentido. Ou seja, o discurso da relação entre esses poderes é transferido para a esfera religiosa. Muitos dos alunos percebem essa fala como um ato de ofensa, mau uso da palavra freira. Talvez porque para esses alunos a palavra freira remete a uma pessoa idônea, que não pode estar ligada a falcatruas.

Outros alunos também expuseram que não entenderam a frase. O que evoca a situação da produção discursiva e o contexto histórico-social para que o interlocutor compreenda o sentido discursivo. Nesse contexto, pensamos que se tem a crença de que a língua no sentido denotativo é mais clara e, que no conotativo é mais difícil. Todavia, todo sentido é uma produção, um efeito. Conforme Orlandi (2001) “esses sentidos têm a ver com que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi” (2001, p. 30). Segundo Mussalim:

A análise do Discurso considera como parte constitutiva do sentido o contexto-histórico. [...] O contexto histórico-social, então, o contexto de enunciação, constitui parte do sentido do discurso e não apenas um apêndice que pode ou não ser considerado. Em outras palavras, pode-se dizer que, para a AD, os sentidos são historicamente construídos. (MUSSALIM, 2003, p. 123)

Esses sentidos não são apenas mensagens a serem decodificadas, como Jakobson (1981) nos faz crer. Então, considerando que as ML perturbam a regularização discursiva de uma língua política, também pôde ser identificada pelo olhar dos alunos.

Conforme Daltoé (2011) “para a mídia e para o meio intelectual em geral, as ML se transformaram em uma característica do DL, um jeito de falar, um tipo de estilo, a ser investigado, analisado e, até mesmo, desvendado. Estes gestos de leitura foram significando as ML no cenário da política nacional como um problema” (2011, p.31).

Ao analisarmos como o tipo de metáfora abordado chama a atenção, verificamos que a dificuldade não está simplesmente em Lula fazer o uso de metáforas, mas conforme Daltoé (2011) “no fato de suas metáforas estabelecerem relação entre coisas que não seriam próprias à língua política, sentidos estes mobilizados que têm levado intelectuais e jornalistas a se debruçarem sobre esta *língua de Lula*. Mas não todos da mesma maneira” (2011, p.38). Bem como já foi tratado neste trabalho, no capítulo em que nos referimos aos críticos da linguagem de Lula bem como aqueles que de certa forma atuam como simpatizantes de suas metáforas.

SDr 3: Ninguém aceita ser vaca de presépio e muito menos eu iria escolher uma pessoa para ser vaca de presépio [...] Todo político que tentou eleger alguém manipulado quebrou a cara. (Lula, 19/02/2010)¹³.

Qual sua opinião a respeito deste modo de falar sobre questões políticas?

Grupo 1

- a) *Porque o político que quis eleger alguém roubando se de mal.*
- b) *Falou tudo o que nós queríamos ler.*
- c) **Linguagem adequada, pois é do povo.*
- d) *Porque quem se eleger manipulado é ladrão.*
- e) *Muitas pessoas não deveriam estar no cargo político.*
- f) **Quis dizer que Não botaria alguém para ser manipulado.*
- g) *Explicou que ninguém gosta de ser coadjuvante.*
- h) *Isso não deveria acontecer mesmo, pois ele não colocaria alguém para ser manipulado.*
- i) *Manipulação não leva a nada.*
- j) *Conseguiu Passar para o povo que ele é contra corrupção.*

¹³ Lula a respeito da candidatura de Dilma Rousseff, em O Estado de São Paulo (19/02/2010).

k)Ele quis dizer que quem põe gente que não tem nada a ver com o cargo não se dá bem, então está certo.

l)Gostei, acho que é super verdade, está adequado.

m)Todo político não ganha para ficar parado como vaca de presépio.

Grupo 2

*a)*Uso não adequado da metáfora*

b)Usa termo vulgar para descrever

c)Para ele essa pessoa se torna como um enfeite

d)A sua metáfora não está facilitando o entendimento do povo

e)Ele deveria ter se expressado melhor.

f)Não entendi.

Grupo 3

a)Ele quis dizer que vaca é um objeto fácil de manipular igual a um cidadão já manipulado.

b)Não está falando corretamente, ele tem que saber que no cargo que foi eleito tem que ser mais formal e falar de forma mais adequada

Essa relação da metáfora “Dilma – vaca de presépio”, na qual Lula evidencia a autonomia que sua candidata (Dilma Rousseff) tem perante a sua candidatura para concorrer às eleições ao cargo maior da federação - Presidente da República - foi entendida por parte dos alunos entrevistados como um reconhecimento do discurso como instrumento de aproximação entre Lula e as classes mais pobres da sociedade. Para alguns o ex-presidente disse o que muitos desejavam ouvir.

SDr 4: Eu quero é saber se o povo está na merda e eu quero tirar o povo da merda em que ele se encontra. Esse é o dado concreto. (Lula, 11/12/2009)¹⁴.

Qual sua opinião a respeito deste modo de falar sobre questões políticas?

¹⁴ Texto *Lula usa palavrão para dizer que seu governo investiu mais em saneamento do que os anteriores* (2009), encontrado em <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2009/12/10/lula-usa-palavrao-para-dizer-que-seu-governo-investiu-mais-em-saneamento-do-que-os-anteriores-915141973.asp>. Acesso em 20/02/2011.

Grupo 1

- a)****Falou a linguagem do povo, totalmente compreensível.*
- b)***Quer ajudar o povo a melhorar.*
- c)*É bom saber que se preocupa com nosso país.*

Grupo 2

- a)*****Frase correta com expressão errada/ não deveria usar palavrão para se expressar/ palavra “merda” nada adequado para um presidente da república, mesmo que a palavra defina a situação.*
- b)*Muitos não cumprem com o que dizem.*
- c)*Ele menospreza o povo, isso nos quer dizer que ele é superior.*
- d)*Não precisa ofender o povo brasileiro.*

Grupo 3

- a)****Mostrou interesse em ajudar o povo, mas não soube se expressar, foi um pouco mal educado.*
- b)*A palavra merda não foi muito adequada. Porém o recado foi dado e entendido com certeza foi.*
- c)*O termo usado foi muito forte (merda) e querendo ou não as pessoas se ofendem.*
- d)*Poderia ter falado com mais educação, claro que o que ele falou está certo mas não usou as palavras certas para se expressar.*
- e)*A intenção de ajudar é essencial, apesar de os temas facilitarem o discurso e o entendimento do povo, as palavras não são adequadas.*

Os alunos que assinalaram a questão como não adequada ou em parte corroboram no sentido de que um presidente “não deveria usar palavrão para se expressar” e aqui cabe trazer a questão da linguagem apropriada para um presidente, ou seja, qual é a linguagem correta de um político? Conforme Daltoé (2011), “podemos perceber o quanto do DL provoca estranhamento, mobilizando discussões que apontoam para efeitos distintos, (...) que não deixam de mostrar que algo incomoda, que algo se desinstala no discurso político” (2011, p. 595). Todavia, em todas as SDRs apresentadas até agora, uma boa parte dos alunos indica que Lula “fala a língua do povo” Isso que dizer que, uma boa parte destes adolescentes identificam-se com as falas do ex-presidente.

SDr 5: Quando o mercado teve a dor de barriga, que não foi uma dor de barrigazinha, foi uma diarreia daquelas, insuportável... Quando o mercado teve essa diarreia, quem é que eles chamaram para salvá-los? O Estado, que eles negaram durante 20 anos. (Lula, 4/12/2008)¹⁵

Qual sua opinião a respeito deste modo de falar sobre questões políticas?

Grupo 1

- a) *Quando estão perdidos ele se acorrem a ajuda.*
- b) *Pelo menos ele falou diarreia e não caganeira. E foi algo assim que o mundo passou, ai ele não complementou.*
- c) **Quando está tudo bem nem se lembram, mas é só dar merda que o governo tem que assumir tudo./ “malhar o pau” é fácil mas quando a coisa fica séria é o governo que chamam para socorrer.*
- d) **Forma de se expressar que o povo entende, fala direta que influencia no modo de pensar nos brasileiros.*
- e) *Que o povo precisa dele só quando acontece alguma coisa ruim .*
- f) *Sem comentários.*
- g) *Ele está certo.*

Grupo 2

- a) *Viajou legal na maionese.*
- b) **Uso inadequado da metáfora, dando sentido vulgar para a situação/ uso da linguagem de modo forte.*
- c) **Ele acha que faz a diferença e que se ele for eleito com certeza fará a diferença/ ele quer se achar.*
- d) ******Expressão não deve ser usada por um presidente. Ele poderia ter usado outras palavras.*
- e) **Não entendi*

Grupo 3

- a) *Termos errados para uma intenção boa.*
- b) *Ele usa fortes expressões.*

¹⁵ Jornal A Notícia. AN.política, em A língua sem freio de Lula, 14/12/2008.

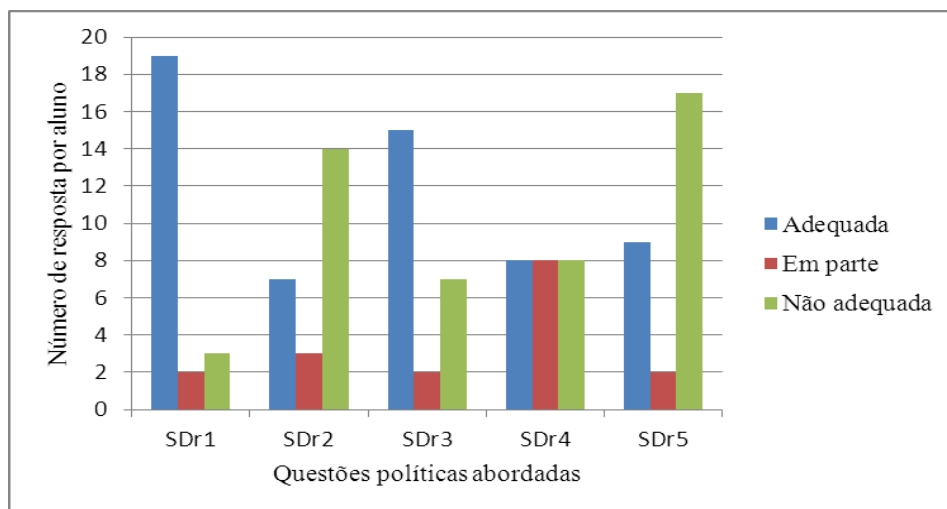
Muitos dos alunos expõem, conforme o Gupo 2 item d, que a expressão não deve ser usada por um presidente. Percebemos então, conforme aponta Daltoé (2011) “podemos verificar também nesse efeito de sentido da ML, quando tomada como recurso estilístico, são sintomas de um forte estranhamento em relação ao modo de falar de Lula, que passa a significar um modo impróprio, não protocolar, desviante do que seria o adequado a um Presidente da República” (2011, p. 594).

Ainda, segundo a autora (2012), as “ML vão desestabilizar a regularização da língua política, fazendo falhar seu mundo logicamente e semanticamente normal, comprometendo, como já dissemos anteriormente, as coisas-a-saber-e-a-falar de um Presidente” (2012, p. 114).

Então, voltamos à busca do mundo “semanticamente normal” do qual nos fala Pêcheux (2002), do normatizado onde tudo se encaixa e funciona perfeitamente. O questionário abordado não é um *corpus* fechado, pois dá oportunidade de o aluno explicar a sua resposta. E com isso nos ajuda a pensar os sentidos por eles encontrados. Lembramos que na AD o analista se apropria dos enunciados para o entendimento do que se propõem, no entanto ele também é afetado pelo discurso levando também talvez outros analistas a olharem por outro prisma que não o abordado aqui.

As mobilizações aqui apontadas foram tratadas como um caminho para compreender os efeitos de sentido apontados pelos alunos, se de aprovação ou de negação no uso das metáforas utilizadas pelo ex-presidente. O gráfico a seguir é uma ilustração dos resultados obtidos de uma forma quantitativa:

Gráfico 1 - Classificação de resposta dos alunos entrevistados.



*1 aluno não respondeu a SDr 5.

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

As SDRs abordadas neste estudo são sequências discursivas que recorrem a determinadas estratégias interlocutivas que acabam por produzir efeitos de sentido no estudante.

A primeira SDR trata de um pedido de Lula a seus aliados para ganhar as eleições. Conforme a leitura do gráfico no Grupo 1, 79,16%, consideraram adequado, ou seja, o discurso de Lula foi de aprovação pela a maioria dos alunos.

Na segunda SDR, Lula a pronuncia durante o lançamento do Pacto Republicano, falando das divergências que permeia as relações na República. De acordo com as respostas percebeu uma maior porcentagem de não aprovação no Grupo 2, 58,32%.

A terceira SDR discorre sobre a candidatura de Dilma Rousseff, negando que a tenha indicado para mais tarde voltar ao poder. Para o Grupo 1 está fala foi de ordem de aprovação desta maneira de falar já que 62,5% consideraram-na adequada.

Na quarta SDR, Lula estava em uma cerimônia para assinatura do projeto Minha Casa, Minha vida. No entanto, os resultados apontaram para uma semelhança de resultados, pois para ambos os Grupos a porcentagem foi de 33,3%. Pensamos que pelo fato do ex-presidente ter se apropriado de um palavrão acabou dividindo a opinião destes adolescentes. O grupo 1 se mostrou a favor do uso da palavra “merda”, justificando que Lula “falou a linguagem do povo”. O Grupo 2 não aprovou a linguagem do ex-presidente, uma vez que considerou “nada adequado para um presidente da república”. O Grupo 3, de todo modo, também considerou a palavra inadequada.

Na última SDR, Lula aborda a crise financeira do país. O efeito de sentido, nesta fala foi de não adequado por 54,16% dos alunos que correspondem ao Grupo 2.

Tais resultados apontam de um modo geral, para uma leitura em que dizer é a própria ocorrência, ou seja, o sentido em relação à situação. A leitura do gráfico aponta para uma aprovação do estilo de Lula de discursar, no entanto, o fato de que na SDR 3 o Grupo 3 se manifestou na ocorrência de “em parte”, há na maioria destas respostas uma não aprovação pela linguagem discursiva do ex-presidente, o que nos leva a entender que somando as 5 SDRs em 2 delas os alunos consideram como aprovadas e 3 delas não, ou seja, entre a maioria das respostas os alunos não aprovam o estilo Lula de discursar.

Pensamos que tais resultados evidenciam que, para os alunos, há uma necessidade do “bem falar” de um presidente. E isto aponta para, como já dissemos, as *coisas-a-saber* de um presidente, que prevê um mundo semanticamente estabilizado e que, no imaginário destes alunos, há um ideal no modo de um presidente se portar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos o percurso desta pesquisa pelo primeiro conceito de metáfora, enquanto objeto específico deste estudo. E fomos avançando na medida em que foi necessário abordar os diferentes aspectos da metáfora. A abordagem teórica selecionada para a obtenção dos resultados é fruto de reflexões sobre a AD juntamente com outras abordagens teóricas, que foram citadas no trabalho.

A aplicação do questionário objetivou verificar se os efeitos de sentidos frente as metáforas de Lula eram de aprovação ou de negação. Entendemos que as falas de Lula, como vimos no decorrer deste trabalho, provoca certo estranhamento na medida em que ocupa uma posição-política, tais estranhamentos apontados muitas vezes pelos alunos enquanto posição-aluno. Conforme Henry (1992) “o sujeito é sempre e ao mesmo tempo sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação” (1992, apud FERREIRA, 2007, p. 58).

Os elementos da AD nos auxiliaram a pensar a posição-sujeito-ideológico desses alunos. A partir dessas reflexões que nos foi permitida pelos conceitos de metáfora tanto em termos de figura retórica e principalmente pelas ferramentas da AD, que nos fizeram perceber que este estranhamento em torno das metáforas de Lula justifica-se, conforme Daltoé (2011, p.12) “a partir de um imaginário de língua política ideal, que, presa a um mundo logicamente estabilizado da língua política brasileira” e não só isso, quando o aluno aponta que Lula “fala a linguagem do povo” reflete ai uma posição-sujeito ao qual o aluno se identifica. Quando Lula utiliza a metáfora a AD entende que o sentido é sempre a troca de uma palavra por outra como diz Pêcheux (1988) “esse relacionamento, essa superposição, essa transferência são entendidos pelo autor como um processo de "meta-phora” ”(1988, p. 263).

Em se tratando dos resultados apontados por esta pesquisa, concluímos que uma grande porcentagem dos alunos não aprovou o estilo Lula de discursar, uma vez que consideram que um presidente não deve se expressar de maneira inadequada.

Pensar como não apropriado o discurso do ex-presidente aponta para o modo de como a DL provocou mudanças nas fileiras de sentido da política brasileira uma vez que seus pronunciamentos mobilizaram a atenção da mídia, dos estudiosos da língua, e da população como também foi demonstrado aqui.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião: 10 livros de poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1977.

ANJOS, Andreia da Silva Daltoé dos. **A sujeição ao outro: o lugar-comum da representação do discurso político**. 2003. 135f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem)-Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003.

ARISTÓTELES. **Aristóteles Arte Retórica e Arte poética**. Rio de Janeiro: Edidouro Publicações S.A. p. 1999.

ARISTÓTELES. **Aristóteles: vida e obra**. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 51-54.

BORBA, Carla A. Marinho. **MST in the british and brazilian press: metaphorical reading in a FL classroom**. 2007. 207 f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 7 ed. Campinas, SP: Editora da Unicampi, ([199-]).

BRASIL ESCOLA. **Figuras de linguagem**. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/portugues/figuras-linguagem.htm>> Acesso em 31 de mar. 2012

CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. **A metáfora no processo de referenciação**. 2002. 191 f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Gramática Reflexiva: texto, semântica e interação**. 2 ed. São Paulo: Atual. 2005 p. 396.

CORTEN, André. Discurso e representação do político. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra, 1999. p. 51.

DALTOÉ, Andreia da Silva. Divulgação do discurso político: as metáforas de Lula e suas formas de interdição. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 11, n. 3, p. 585-606, set./dez. 2011.

_____. **As metáforas de lula: a deriva dos sentidos na língua política**. 2011. 220f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem, área de concentração: Teorias do Texto e do Discurso)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007. p. 45.

FERREIRA, Lucia M A. Uma memória da normatização da conduta feminina na imprensa³. In: RIBEIRO, Ana Paula G.; FERREIRA, Lucia M. A. (Org.). **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Manuad X, 2007. Disponível em :

<<http://books.google.com.br/books?id=t7W06EkBxi0C&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>> Acesso em: 10 de junho de 2012.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. **Revista Letras**. Santa Maria. n. 27, p. 4, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r27/revista27_3.pdf> Acesso em 5 de junho de 2012.

GREEN, G. **Pragmatics and natural language understanding**. Hillsdale, New Jersey. Lawrence Erlbaum Ass, 1989.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Dossiê: comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 4, n. 11, p. 11-25, nov. 2007.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas; LESSA, Ana Cecília. **Figuras de linguagem: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Atual, 1988. p. 5-10.

JAILSON, Jose. **Metaforismo Linguístico: A Metáfora Na Construção Lingüística**. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_6776/artigo_sobre_metaforismo_linguistico:_a_metafora_na_construcao_linguistica>. Acesso em: 9 jan. 2012.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 10 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

JOHNSON, Mark. Introduction. In: **Metaphor in the Philosophical Tradition**. Chicago: U. Chicago Press, 1981, p. 3-47.

KAMEL, Ali. **Dicionário Lula: um presidente exposto por suas palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. The University of Chicago, Chicago, 1980.

LAKOFF, Georg; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo; Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, G. **A figure of thought: Metaphor and Symbolic Activity**. University of Califórnia, 1986.

LEANDRO-FERREIRA. Maria Cristina. O caráter singular da língua na análise do discurso. **Revista Organon**. Porto Alegre, v.17, n. 35, p. 191, 2003.

LIMA, Regina Bimbi. O enunciado: pontos de deriva possíveis. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra, 1999. p. 263.

LÍNGUA PORTUGUESA. **Lula e suas metáforas**. disponível em:<<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=10945>>. Acesso em: 27 de maio de 2011.

MARIANI, Bethania Sanpaio C. Sobre um percurso de análise do discurso jornalístico – A revolução de 30. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org). **Os**

múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Editora Sagra, 1999. p. 102-121.

MITTMANN, Solange. Nem lá, nem aqui: o percurso de um enunciado. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Org). **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso.** Porto Alegre: Editora Sagra, 1999. p. 271-277.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística:** domínios e fronteiras, VI.II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap.1, p.13-52.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 3. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.

_____ **Análise do Discurso:** Princípios e Procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____ **Discurso e Texto:** Formulação e Circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

PANKE, Luciana. **Lula, de sindicalista a Presidente da Republica:** as mudanças nos discursos políticos sob a perspectiva da temática *emprego*. 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/panke-luciana-lula-de-sindicalista-a-presidente.pdf>> Acesso em 14 de junho de 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** Estrutura ou acontecimento. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 2002. Tradução: Eni Puccineli Orlandi.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso:** uma critica à afirmação do obvio. Campinas, Editora da Unicampi, 1988.

PEREIRA, Ana Cristina Carvalho. **Linguagem e cognição:** uso de analogias e metáforas do balé em escolas de Belo Horizonte.2005. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <<http://www.et.cefetmg.br/permalink/fc424373-1714-11df-9bb7-00188be4f822.pdf>> Acesso em: jan. 2012.

SARDINHA, Tonny Berber. **Metáfora.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SARDINHA, Tonny Berber. Lula e a metáfora da conquista. **Linguagem em (Dis) curso – LemD**, v. 8, n.1, p. 93-120, jan-abri. 2008. Disponível em:<<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0801/080104.pdf>> Acesso em jan. 2012.

TAS, Marcelo. **Nunca antes na história deste país.** São Paulo: Panda Books, 2009.

TERRA, Ernani. **Minigramática/ Ernani Terra, José de Nicola.** Ed. Reform. São Paulo: Scipione, 2007.

ZANOTTO, Mara S. T. Metáfora e Indeterminação: Abrindo a Caixa de Pandora. In: PAIVA, Vera Lucia M. O. (Org). **Metáforas do Cotidiano**. Belo Horizonte: Ed. Do Autor, 1998.p. 14-15.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos alunos

QUESTIONÁRIO

No Brasil, não temos grande tradição de analisar a retórica dos presidentes (KAMEL, 2009, p. 17), mas durante os dois mandatos em que Lula esteve na Presidência, de 2002 a 2006 e de 2006 a 2010, chamaram-nos a atenção os efeitos de sentido produzidos pela mídia a respeito de seu discurso, em especial o uso das metáforas (DALTOÉ, 2011). Durante este período, observamos o quanto os discursos de Lula foram temas de discussões diversas, principalmente, em relação às metáforas que empregou para tratar de assuntos diversos. Levando isso em consideração:

Qual sua opinião a respeito deste modo de falar sobre questões políticas?

SDr 1: Vamos trabalhar para ganhar as eleições. Não é uma eleição fácil. É como time de futebol. Quando o time está ganhando de um a zero, de dois a zero, quando o time está ganhando, recua, não quer mais fazer falta, pênalti, fica só rebatendo a bola. E quem está perdendo vem para cima com tudo, e é com gol de mão, de cabeça, de chute, de canela. Não tem jogo ganho ou fácil. (grifo nosso) (Lula, 2010)¹⁶

() adequado

(...) não adequado

(...) em parte

Por quê? _____

SDr 2: De vez em quando inventam uma briga entre Congresso e Executivo, Legislativo e Judiciário. Ninguém aqui é freira e santa, e não estamos em um convento. (Lula, abril de 2009)¹⁷.

¹⁶ Disponível em: <http://www.frasesfamosas.com.br/de/lula.html>. Acesso em 21/06/2010.

¹⁷ Revista Veja, 30 de dezembro de 2009.

() adequado

(...) não adequado

(...) em parte

Por quê? _____

SDr 3: Ninguém aceita ser vaca de presépio e muito menos eu iria escolher uma pessoa para ser vaca de presépio [...] Todo político que tentou eleger alguém manipulado quebrou a cara. (Lula, 19/02/2010)¹⁸.

() adequado

(...) não adequado

(...) em parte

Por quê? _____

SDr 4: Eu quero é saber se o povo está na merda e eu quero tirar o povo da merda em que ele se encontra. Esse é o dado concreto. (Lula, 11/12/2009)¹⁹.

() adequado

(...) não adequado

(...) em parte

Por quê? _____

¹⁸ Lula a respeito da candidatura de Dilma Rousseff, em O Estado de São Paulo (19/02/2010).

¹⁹ Texto *Lula usa palavrão para dizer que seu governo investiu mais em saneamento do que os anteriores* (2009), encontrado em <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2009/12/10/lula-usa-palavrao-para-dizer-que-seu-governo-investiu-mais-em-saneamento-do-que-os-anteriores-915141973.asp>. Acesso em 20/02/2011.

SDr 5: Quando o mercado teve a dor de barriga, que não foi uma dor de barrigazinha, foi uma diarreia daquelas, insuportável... Quando o mercado teve essa diarreia, quem é que eles chamaram para salvá-los? O Estado, que eles negaram durante 20 anos. (Lula, 4/12/2008)²⁰

() adequado

(...) não adequado

(...) em parte

Por quê? _____

SDr - Sequência Discursiva de referência.

²⁰ Jornal *A Notícia*. AN.política, em *A língua sem freio de Lula*, 14/12/2008.